

O CONSTITUCIONAL.

Jornal Politico, Litterario, Industrial e Noticioso.

DIRECTOR DA REDACÇÃO E EDITOR RESPONSAVEL F. DE P. M. DE CARVALHOS.

Publica-se uma vez por semana (sexta-feira) — Assignatura 85000 réis por anno, paga em trimestre adiantados além do sello do Correio.
FOLHA AVULSA 240 REIS.



O CONSTITUCIONAL.

Desligro; 2 de Dezembro de 1870.

É sempre grato aos corações verdadeiramente amantes da Patria lembrar o dia memoravel — Douz de Dezembro — em que Approuve á Providencia Divina conceder ao Brasil um Principe e Patrio seu adornado das mais altas virtudes e sublimes qualidades, que era precias para ser seu digno Imperador Constitucional, e para consolidar effictivamente o bello e complicado sythema politico de nossas garantias, no qual se achão tão bem condemnados e travados os correctivos do despotismo, da oligarchia e da anarchia, que é impossivel entre nós a tyrannia de um, de alguns ou de muitos.

O sabio e prudente Imperador, que na sua mais tenra infancia foi o nosso Anjo salvador e tutelar de união, de concordia e de mil fagueiras este anjo na tremenda e tenebrosa epica da menidade sendo declarado maior em 1840, desde entã, por espaço de 30 annos, tem realizado o bem e a felicidade geral do paiz, por suas incontestaveis virtudes, e por sua profunda intelligencia, equilibrando e harmonizando prudentemente os poderes publicos, conciliando e confraternizando os povos divididos e fazendo desaparecer suas faixas disencões, em torno do throno da Justiça, da União, da Paz e da Concordia.

Dirigindo sabiamente a nação do Est

do, elle a tem salvado assim de mil perigos e sythes no m r muitas vezes temporisimo nas circumstancias politicas, chamando ao timão do Estado os homens mais illustres, proeminentes e proprios para isso, quer de um, quer de outro partido, e elles leal e flicamente o hão se cundado nesse bello proposito, de que tem resultado a d t r e a gloria do Imperio, bem como seu lograndecimento e aperfeicoamento.

Ainda bem recentemente a dignidade, a honra e a integridade do Imperio foram desaffontadas e sustentadas com toda a grandza, magnificencia e brionas e companhias do Paraguay; e hoje a paz, voltando aos habitos de paz, é fo mentado e preparado para os mais altos progressos e desenvolvimentos no presente, e no futuro que se nos antolha brilhante e sub rbo.

Parabens pois, a os Brasileiros por tão ditosa sorte de possu rem um Imperante digno da Coroa Diamantina, que as instituições patrias confiarão tão feliz e acertadamente á Dinastia do Fundador do Imperio!

Parabens aos Brasileiros por mais uma vez contemplarem o bom Paes da Patria e suas delicias!

Votos universaes e sinceros fazamos todos fraternalmente unidos, para que o Omnipotente conserve seus preciosos dias, concedendo-lhe uma longevidade feliz, e sustentando-o em suas preclaras virtudes, para maior bem de seus filios e sub lito-agradecidos pela consolidação e sustentação das nossas instituições politicas, que nos dão sufficentes garantias de nossos direitos, obrigando-nos suavemente ao cumprimento de nossos deveres, para tão sancto e apreciavel fim, com justiça, rectidão e equidade.

O throno verdadeiro do nosso Monarcha se funda nestas solidas bases, e no pleno amor e reconhecimento de todos os seus sub lito.

Unidos fraternalmente, conciliados e concordes, na mais grata harmonia e prazer, sustentemos pois, este throno,

que é a nossa gloria, e a nossa ventura!
Viva S. M. I. O Sr. D. Pedro 2.º!
Viva a Nação Brasileira!
Viva a Constituição Política do Imperio!

DOUS DE DEZEMBRO

Soneto.

Quando os deoses se humanisção, grandes beneficios colhe o homem.

Digno Filho do Heró da Liberdade,
Do Egregio Fundador do Patrio Imperio,
H je de-ceu do Olimpo um Nume etherio,
E as vestes assumiu de humanidade!

Eil-o, Penhor de paz, de integridade,
Na infancia dominando esta Hemispherio
Do Anarchia fallaz, lucto elasterio,
Eil-o vencendo já na tenra idade!

Eil-o, agora Maior, no Throno alçado,
Da R-volta abaiondo audaz bandeira,
E o Povo libertando ao triste fado!

Eil-o, aditanto a Gunte Brasileiro,
Com prudente governo, e doce agrado,
Gerando a gratidão mais verdadeira!

AO DITOSO 2 DE DESEMBRO SONETO

Parabens, ó Brasil, ó Povo amado,
Que frues um destino venturoso
Sob o digno Monarcha virtuoso
Por q' constantemente és desvelado!

Sabio elle dirige a nao do estado,
Livraudo-a qd' em mar tempestuoso
De syrtis mil, de escolho perigoso,
E a conduzindo ao porto desejado!

Da suave, doce Paz nos abre o Templo
E manifesta a Diva o dom fecundo
Em com melhoramentos q' contemplou

Saudemos pois o Dia almo e jocundo,
Em q' dos Antonios novo exemplo
Por graça Divinal brilhou no mundo

AOS FELICISSIMOS ANOS DE S. M. O IMPERADOR

Soneto.

A autorid. de commando o respeito, a bondade o amor e gratidão.

Olimpicos nove nos seus annos Completa hoje a feliz ditosa idade Do Proto typo nosso de bondade, Do sublime Exemplar dos soberanos

Novo penhor de paz, venceu Enganos, A Anarchia venceu na mocidade, S. Ivando o seu Brazil da auctidade, Dos Demogogos e cruéis tyrannos!

Consolidou depois o Throno augusto, Na patria derramou vivaz ventura, Com braço forte defensor, robusto

E pois com gratidão sincera e pura Saudemos respeitosa o seu busto, Sua Effigie saudemos com ternura!

SONETO.

Deos Protege o Brasill o ceo proprio, E sempre liberal, mui bondadoso, Seus dons derrama n'elle, generoso, Favores, graças mil e beneficio.

De sua Protecção eis claro indício: Doot nos prezenteiro e dadivoso, No anno Dois de Dezembro venturoso, D'um Monarcha immortal o Natalicio.

N'esse Dia ditoso e sempre caro, Aos peitos Brasileiros tão jocundo Nasceu Penhor de Paz, Heroé preclaro

Nasceu brilhante Sol do novo Mundo, Da Patria Salvador, Dinasta raro, O nosso Defensor Pedro Segundo!

Ao 48 Anniversario do Natalicio de S. M. O Imperador.

Saudai, ô Brasileiros, este dia Anniversario fausto e venturoso Do Natalicio para nós ditoso Do Consolidador da Monarchia!

Penhor da nossa Paz e de Harmonia O grande Imperador Pedro famoso O brio do Brazil sustenta honroso, Triumpha do Fautor da Tyrannia!

O Despotico Lopes, monstro ousado Que invadira da Patria o territorio, Offendendo este solo tão sagrado,

Mui firme castigou chamando Osorio Caxias, Conde d'Eu, Camara ornado De louros no final do monstro inglorio

Ao 45.º Anniversario do Natalicio do Imperador.

Soneto.

Penhor da grata Paz, e da ventura D'este Imperio ditoso e protegido Por um Deus verdadeiro concedido, Neste Dia feliz Pedro fulgura!...

Qual astro creator, que a vida apura Nos seres quando osso a assi nascido

No berço Imperi-ll, nos tem valido Desde os annos da infancia, em amar gura.

Treslocada ambição, fatal licença As tochas emprensando a Liberdade, Precipitar-nos quizeu chama intensa...

Mas velava por nós a Divindade! Ella provida e abate, e sem de ença Por Pedro nos concede a felicidade!

RELIGIÃO.

Este tratado tem por unico objecto de finir a palavra sagrada—Religião—que alternativamente mais tem um de dividido entre si os hozens.

será dividido em duas partes. Na primeira indagar mo o que é a Religião considerada em geral, qual e seu fim, e o que a torna uma lei para o homem, e mo ser intelligente e moral. Na segunda expozemos os logmas dos principaes cultos em que se parte a creua dos ho mens. depois de haver explicado em que, e por que um culto particular differ de outro, ou da Religião considerada em geral.

PRIMEIRA PARTE.

A moral é a mesma em toda a parte: em todos os logares o homem traz consigo a noção do bem e do mal, do justo e do injusto e fallando com propriedade é inteiramente por isto q'elle é homem. Esta noção pôde ser mais ou menos desenvolvida em um, ou em outro individuo, em um ou em outro povo, por que ella é infinita; porém no que ha de essencial e de fundamental ella é commun a todos: é a luz que exclarece a todo o homem vindo ao mundo.

Desta universalidade da moral se julga poder tirar esta conclusão, que está bem desacreditada: —Para que serve a Religião? Que pôde ella ensinar-nos que nós já não sabemos? Sem duvida a Religião nada de novo ensina ao homem di-

zendo-lhe: — Faze o bem o evita o mal, a voz da consciencia já lh'o tinha dicto; mas é mister um base á moral, e eis o que a Religião pretende fazer, referindo a, ou ligando, por assim dizer com o seu principio.

— Ha um logar em que se forma a prata, diz a E-criptura; ha uma mina, onde se tira o ouro.

— O ferro e o bronze se tirão do seio da terra.

— Ali cresce a saphyra; e o homem affastando os confins das trevas, ali sabe descobrir os thesouros mais escondidos.

— Mas onde achar a sabedoria? Onde é a morada da intelligencia?

— O homem ignora seu valor; ella não habita na terra dos vivos.

— O abysmo diz: Ella não está em mim; e o mar: não a conheço.

— Ella não é comprada a peso de ouro; e não se obtem pela prata mais pura.

— O ouro de Ophir não a iguala no preço; ella excede o onix e a saphyra.

— O crystal e a esmeralda, nada são junto d'ella, nem os ornamentos mais bellos.

— O coral e o berylo offuscão-se diante d'ella: ella excede as perolas do mar.

— Não lhe é comparavel o topasio da Ethiopia; e não se troca pelos tecidos mais preciosos.

— D'onde vem pois a sabedoria? onde é a morada da intelligencia?

— Ella está escondida nos olhos dos mortaes; ella é desconhecida as aves do ar.

— O sepulchro e a morte dixerão: Não ouvimos fallar nella

— Deos porém conhece seus caminhos, e elle se be ondo ella habita.

— Elle que avista até as extremidades da terra e cujo olhar abraça tudo o que está nos ceos.

— Quando elle pesava a força dos ventos, e quando media as aguas do abysmo,

— Quando dava leis á chuva, e quando marcava ao raios e as tempestades o seu caminho: « Então elle viu a sabedoria,

então elle a manifestou: elle a encerrou em si, e sondava as suas profundezas;

« Elle dice ao homem: Tem-a a Deos eis a sabedoria; fugir do mal, eis a intelligencia. » (Job XXVIII.)

De-a lei pois a fonte e o principio de toda a moral, e consequentemente, sem a Religião que une o homem a Deos,

o bem e o mal, o justo e o injusto, não são mais do que vãs palavras, que sem

loucura não se poderião considerar como a regra suprema, e como o mobil efficaç das nossas acções.

Com effeito, consideremos que o dever raras vezes se concilla com o prazer e o interesse, e que a propria vida não é exceptuada dos bens presentes, que é

mister sacrificar a virtude. Ora para poder fazer um tal sacrificio, é preciso e

mar, e de boa fé podemos nos ahar
palavras, ideas, entes, d' r 21. ? ...
[Continua] L. Baude

DEVERES PARTICULARES.

Philosophia Practica—Moral usual.

V

Em quanto esperamos esse bello dia da humanidade, como nada se produz por si mesmo, não adormecemos com uma cega confiança; examinemos as diversas circumstancias, em que o homem é chamado a exercer sua liberdade, si em vista do qual elle tem o dever de dirigir este exercicio, e o sentido ou rumo ao qual tem o dever de constantemente restringir-se. Vejamos ao mesmo tempo qual possa ser a medida d'esta restricção; pois que a etageração do dever, assim como a do direito, tem por sua consequencia a destruição da utilidade. Nada de melhoramento se pode esperar quer do homem servil, quer do despota pertinaz. Nem de uma nem de outra parte há vantagem: obrando com liberdade: quer em um quer no outro destes casos, ella está dominada por uma paixão.

Estudemus sobre tudo os effeitos produzidos pelo dever, nobremente comprehendido, e cumprido, e busquem assim surprender em sua causa primeira as maravilhas em nossos dias geradas pelo amor do proximo (Irmãos de caridade, liberdade de escravos.&c)

VI

Primeiramente observaremos o homem como individuo, e depois como membro de uma familia particular, e em seguida subiremos para a grande familia ou Patria, e d'ahi a grande familia universal ou a humanidade.

Alem disto, o dever é constantemente uma unica causa identica, ou sempre a mesma em todas as suas posições. Foi unicamente pela necessidade de uma maior precisão na linguagem ordinaria, que se distinguem tantas especies de dever, quantas são as posições diversas, que fazem variar, não só as suas prescrições, mas o seu modo de applicação.

Em vão se diz: Deveres particulares, Deveres sociaes, Deveres publicos.

Tudo isto não é mais do que o Dever tal como acabamos de definir.

Primeira Parte.

Deveres particulares.

O homem é um composto de duas naturezas, natureza espirital, e natureza material, distinctas uma da outra, porem não inimigas ou hostis uma da outra; pois q' o destino de cada uma d'ellas em particular não pode ser differente do q' ser ellas

constituem p' sua reunião. Si algumas vezes as exigencias da natureza material parecem estar em opposição com a natureza espirital, e reciprocamente isto acontece somente em consequencia de um erro, que faz que se etaggere as condições do bem para uma, em detrimento das condições do bem para a outra. As pessoas que acreditão poderem augmentar a força sua intelligencia, sacrificando-lhe sua saude physica, enganão-se, bem como aquelles que preocupadas com a saude physica desprezão sua intelligencia. A natureza material, o corpo somente é na verdade o instrumento da intelligencia, e si um máo instrumento engana a habilidade do obreiro o máo destre, o máo instrumento tamhem por sua vez é como se não existisse quando uma intelligencia o não poem em obra.

Continua.—J. de L. B.

DEVERES SOCIAES E PUBLICOS.

VI

Considerados de um ponto de vista mais elevado, os deveres sociaes tem por objecto a humanidade inteira ou total, sem distincção de raças, n.ões, familias. T' d'ava como este ser abstracto, que se chama humanidade é demastadamente grand., para que os mais vastos espiritos tenham constantemente presente as div'as exigencias d'ella, é mister fracionar a em porções mais restrictas, para que qualquer homem esteja por assim dizer, de ella rodeado.

Assim pois, como o homem é acolhido pela Familia antes de ser conhecido pela Patria, e como elle só tem consciencia da humanidade depois de haver os beneficios dos dois primeiros graus da socição, a ordem de applicação eguida ate o presente em tal materia, tem seu ponto de partida na Familia, e seu ultimo termo na Humanidade; com ella aqui nos conformaremos.

Certamente seria para desejar que de outro modo se podesse proceder: um dia virá, e já o presentimos, em que os grandes principios sociaes sendo mais universalmente conhecidos, o homem comprehenderá que antes de tudo é cidadão do universo, e não terá necessidade de qua, para chamar sua attenção, se lhe recommende em primeiro logar a felicidade de seus irmãos, e de seus amigos.

VII

De mais é impossivel que um bom filho, um bom irmão não seja um bom cidadão, e q' um bom cidadão não seja um bom membro util da humanidade. E' verdade que alguns pensadores dicirão

que o espirito de familia é estreito ou mesquinho, e que estreito ou restringido o ci-vismo, bem como o proprio espirito de nacionalidade. Isto não é exacto: So mente é estreito e mesquinho o pensamento, que tem por fim unico o bem-estar material d'aquelle, que o concebe, e este pensamento exclusivo recebe sempre o seu castigo. Si um pae de familia busca o bem de seus filhos e de seus proximos parentes no que pôssa prejudicar a cidade, ou a Patria, não passará uma geração sem que esta familia tenha rudemente expiado esta falta; si um soberano a favor de seu povo offende os direitos dos outros povos, em vão julgará haver triumphado, pois que elle sobreviverá a sua obra, si ella não arrastar á sua queda (Ex Lopes, Nap. 1, 3. L. Phil. etc.)

VIII

A fim de expor perfeitamente a natureza dos deveres sociaes é indispensavel notar que a acção que temos que exercer sobre nossos semelhantes não é o mesmo que a acção q' temos a exercer sobre nós mesmos; no ultimo caso a acção é simples, no primeiro é dupla. Com effeito, somos activos em relação a sociedade influido sobre ella por nosso modo de existir ou de viver, e somos passivos a soffr'lo por nossa vez a sua influencia.

Contudo esta distincção um pouco subtil entre a acção de receber e a acção de produzir conduziria demastadamente longe sem muito proveito. Da mesma sorte, que a respeito dos deveres particulares, não se tem distinguido, pois, os deveres chamados de acção, dos intitulados de abstenção, visto q' applicar a vontade a soffrer, ou infligir, a não fazer, ou a fazer, é sempre exercer a vontade, é obrar; e assim nos despensaremos de augmentar as difficuldades de uma materia já bastante ardua. — Continua—J de La Beaume. — V de P. M.

A PEDIDO.

SOCIEDADE AMOR AS LETTRAS

Convoco os Illms Senres Socios para a sessão de Assembléa geral de eleição no dia 2 de Dezembro pelas quatro da tarde, na residencia do Presidente Honorario.

Cidade do Desterro, 28 de Novembro de 1870. — Sebastião Machado da Silveira, Presidente Effectivo.

METAGRAMMAS.

AOS SRS. ALFREDO e RAMOS.

Transporta ideas prontamente
Por um fluido não visível:
Fóra do escripto se sente
O que, diz parece incrível.

Nos costumes nos revela
Uma sã conveniencia:
E' virtude que bem zela
Com cuidado da existencia.

Representa bella vista,
Sendo nome d'alto escripto;
Representa quanto avista
Quanto nelle tem discripto.

Une e prende os corações
Num amplexo divinal,
Quem mais ama e dá perdões,
Benefícios ao mortal.

Qual a obra que é mais bella
Do sublime Creator?
Qual a mais grande virtude
Que respira saneto amor?

Quem a alcança tem por certo
O Templo da Gloria perto,
Ali se escreve o nome illustre
Dos heróes, do sabio e lustre.

Une e prende os corações
Com prazer e harmonia:
A cruel fomenta acções
D'altra guerra fera, impia.

Boa vontade é virtude,
Que não tem um peito rude:
O que Deos mostra no mundo,
No seu throno o rei profundo.

LOGROGRIPHO.

Aos grandes matadores de logrogrifhos os Senhores
J. R. da S. J. e A. T. da C.

Meu humilde logogripho,
Que nella tem de invejar,
E' por letras — Combinado
Pod e ser morto no ar.

Pobre, cégo, que procura,
Neste continuo soffrer
Nesse estado? — Que amarguras
Que desgraçado viver l., 4, 5, 3, 5.

Alli, vou as minhas penas,
Só isolado, abraçar;
Tornão-se as magoas serenas,
Alli, com meu supplicar . . 2, 1

Longe de mim! Não te quero!
Quem, acaso, ou'rerá ser?...
Para ter castigo severo
Para a vida maldizer ?? 4, 1, 5,

« Estro de Ovidio seguirei teos vãos
Se não me é dado empatelbar com
algu

Desterro, — Novembro, — 1870

LOBO MARINHO.

EDITAL

EM cumprimento do officio do Ex.
Sr. Presidente da Provincia, n. 392
de 9 do Julho ultimo, manda o Sr.
Director Geral fazer publico q' no dia
9 de Dezembro proximo futuro, as
11 horas, da manhã, se há de ar-
rematar a porta desta repartição,
85 espingardas de adarme 17, 51 ba-
y metas com bainhas, 76 pistollas,
20 teses com bainhas, 41 marteli-
nhos e 21 sacatrapós.

Segunda Secção da Directoria
Geral da Fazenda Provincial de
S. Catharina, em 25 de Novembro
de 1870.

O Chefe de Secção

Antonio Luiz do Livramento

Pela Administração da Meza de
Rendas provinciaes da capital se faz
publico, que do primeiro de Dezem-
bro proximo futuro em diante duran-
te o prazo de trinta dias uteis, terá
lugar a boca do cofre, a cobrança do
primeiro semestre do imposto sobre
predi's urbanos, do corrente anno
financeiro de 1870 — 1871, em todos
os referidos dias das nove horas da
manhã ás duas da tarde, devendo os
contribuintes satisfazerem o mencio-
nado imposto dentro do sobredito
prazo, sob pena de não o fazendo se-
rem oerados com a multa de cinco
por cento e execução.

Mesa de Rendas Provinciaes da
Cidade do Detrerro, 29 de Outubro
de 1870.

O administrador.

Cyprianno Francisco de Sousa. Typ. Brazileza Rua da Trinde n. 29.

ANNUNCIOS.

ATTEÇÃO!

AMANCIO JOSE FERREIRA

incarega-se de cobranças antigaveis
ou judiciais de devedores residentes
no Municipio de São Miguel, em cujo
Fôro trata de quaes quer causas civis,
commercaes e crimes, a excepção
daquellas que complicar com os
interesses da Fazenda Geral ou Pro-
vincial.

Os credores que desejarem encar-
regar ao annunciante da cobrança
de suas dividas, receberão querendo
fiança idonea do equivalente da co-
brança, no caso de se realizar de
um dos modos acima indicados.

A quelles Senhores que deposita-
rem confiança no annunciante, pode-
rão dirijir-se a elle directamente e
acompanhando as suas contas, pro-
curações, obrigação &c. O seu traba-
lho deve ser ajustado, na falta re-
ceberá a commissão que se acha em
uso.

POR COMODO PRECO.

Vende-se uma pequena chacara e
casa, na Freguezia da SS. Trindade,
com 69 braças quadradas de terras,
tendo boa agua de beber e lavar, arvo
redos fructiferos, etc

Para tratar-se com

José de Souza Freitas

3-1

PRECISA-SE ALUGAR

um preto para carregar caixas de
fazenda: para tratar-se na rua da
Catioca n. 20.

Os Senrs. assignantes do
Curso Pratico de Pedagogia
por Daligault, accommoda-
do ás E-c las Brasileiras,
podem mandar receber nes-
ta typographia a mesma
obra que se assignou a 3 \$
500 cada exemplar avulso,
e a 18750 em numero mai-
or de 400. Vende-se a mes-
ma obra para os que não as-
signarã a 78000 reis cada
exemplar.